

I. Sonho e seriema

No dia em que ouvi de novo a seriema, ela de fato me acordou. Vim reconhecendo o som aos poucos e sorri, quis ter de novo o corpo jovem, as pernas de rapaz, as molas e solas de sair por aí – combater o mau governo, cruzar esses vales com a mente amorosa, subir e transpor o cerro como faz a ave pernalta.

Eu saía de um sonho ameno, em que dizia à colega que era necessário fazer boas leituras – ler Antonio Candido co’a turma. Ela dizia que preferia ainda Otto Lara Resende – e eu retorquia: mas ele também escreveu estudos, ensaios? E ela: Ô! E não era tradutor do inglês!? E nisso entramos em loja de música, eu já estava de novo só, descendo escadas.

Perguntei à vendedora sobre capas, estojos de violão. Ela lépida subiu escadas, sapato leve, mostrou um folheto com todos os modelos, e apresentou-me ao artesão. O sujeito, que tinha olhos verdes com forte estrabismo, e cabelo ralo, explicava o fabrico dos estojos de cortiça, o acabamento do verniz. Valorizava com mistério o prazo da entrega, e parecia querer dar um toque científico.

Mais tarde, acordado, eu me perguntava se não somos todos assim, cada um idiossincrático, enxergando em dobro o que fazemos, enrugando a testa, envelhecendo. Todos, que eu digo, nós humanos, catrumanos – menos o anjo que dorme e ainda sonha, menos o meu bem que vê uma luz em cada ser vivente.

Acordei, portanto, e deitado refletia. Se não saio no impulso e sigo ao pé da letra a seriema, posso é fazer café, espantar mosquito, respirar, sentar à mesa da sala e escrever. Posso pegar um sol no rosto e anotar no bloco as ideias – enquanto gritam e latem, piam e se movem os outros animais na região.

(19set19)

II. Peso da história

Nas tardes do futuro, período mais trevoso, haverá equipes de professores prestadores de serviços. Remanescentes do período anterior, farão revezamento em salas de senhoras, reunidas por curiosidade e por não bastarem a elas os dias em Petrópolis, a praia de Cancún. Precisam de algo vago, uma impressão de outro estado, um linguajar especial.

Às casas portentosas, os docentes irão mesmo em dupla ou trio, exibindo diferentes estilos, panoramas, pronunciando nomes estranhos à roda, e palavras entre aspas. Este dirá sobre uma teoria que pretendia vencer outra; aquela contará que um grupo indígena perdeu-se durante a guerra; outro vai discutir o problema da aurora luminosa.

O circuito terá o apoio dos maridos investidores. Ainda outro dia, voltando mais cedo da Bolsa, um deles viu o círculo na sala e, passando ao corredor, sorriu com bonomia, de perfil.

Em tardes de blecaute, candelabros acesos, as aulas se manterão. A senhora dona da casa fará servir a certa altura café e bolos de Nastácia. Ao fim da sessão, alguém acompanha os senhores e senhoras docentes à saída. Passando pela porta da cozinha, avistam lá dentro a negra, de relance, e o vulto fantasmal também sorri.

Do elevador e portaria, cada qual com guarda-chuva, passam à praça antes povoada, toda fria, noite deserta de Ipanema. Cumpriram seu contrato, levam cheque da jovem senhora, que atualmente é uma menina. Lá vão os lentes, quase em silêncio – a voz baixa, a navalha do vento –, e agora dizem isto: o número do carro que os levará daqui.

(04out19)